

HISTÓRIA E ARQUITETURA DO MOINHO PELOTENSE: PELOTAS-RS (1911 – 1922)

JEFERSON DUTRA SALABERRY¹; FRANCINE MORALES TAVARES RIBEIRO²;
GUILHERME PINTO DE ALMEIDA³; DANIELE BALZ DA FONSECA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – jeferson.sallaberry@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – francine_mtavares@yahoo.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – guinotauro@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – daniele_bf@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em Pelotas, no Rio Grande do Sul, parte da antiga estrutura das manufaturas do charque foi aproveitada para a instalação de uma zona fabril, onde a agroindústria se sobressaiu. Construída com maior intensidade no início do século XX começou a ser abandonada um pouco mais de meio século após. O estudo das edificações fabris se justifica por se constituírem parte importante da história. Esta narração poderá ajudar no reconhecimento deste legado.

Foram delimitados como recorte temporal os anos compreendidos entre 1911 e 1922. Estas datas foram escolhidas por neste período existir rica documentação. A presente pesquisa tem como base documental principal o manuscrito denominado *Notícia Descritiva das Fábricas de Pelotas em 1911*, de Alberto Coelho da Cunha. O trabalho se apoia igualmente nos textos publicados sobre as fábricas nos *Almanach de Pelotas* entre os anos de 1913 e 1922, e também nos diversos livros publicados por ocasião da comemoração do centenário da Independência do Brasil e do aniversário de Pelotas em 1912.

2. METODOLOGIA

A delimitação do trabalho é estudar especificamente o Moinho Pelotense, localizado na área denominada bairro do Porto em Pelotas. A pesquisa valeu-se do método histórico. (CARDOZO, 1983)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Cunha (1911), o Moinho Pelotense foi fundado por Delphino Gonçalves Borges em 1886, na margem direita do Arroio Santa Bárbara, atual cruzamento das ruas Mal. Deodoro e Gomes Carneiro.

Sobre a margem direita do arroio Santa Barbara, sobre o qual trará facilidade do seu transito, foi montada uma ponte de madeira, ergue-se este moinho. A sua construção teve o alinhamento de acordo com o futuro prolongamento da rua independência através do bairro da graça. (CUNHA, 1911, s.p.)

O moinho de farinha se situava à Rua Mal. Deodoro, 301 (OSORIO, 1998). A localização exata desta construção foi possível pelas indicações de Alberto Coelho da Cunha, cruzadas com a localização indicada por Fernando Osório, além de fonte iconográfica, que confirma a proximidade com o Arroio Santa Bárbara da edificação, com três andares e seu próprio trapiche de desembarque do trigo.

Segundo Alberto Coelho da Cunha (1911), a empresa foi vendida, em dezembro de 1887, para Paulino Teixeira da Costa Leite (Fig. 1), que “[...] lhe

imprimiu grande desenvolvimento, com introdução de notáveis aperfeiçoamentos e montagem de importante fábrica de massas”.

Com relação à infraestrutura de apoio para funcionamento da fábrica, além do moinho propriamente dito e da ponte de madeira (Fig. 2), há registro da existência de uma serraria, três vastos depósitos para trigo e quatro para farinha, além de uma fábrica de massas, localizada em compartimento térreo, junto ao moinho.



Figura 1: Residência de Paulino Leite, situada à Rua Mal. Deodoro próximo ao antigo Moinho Pelotense. Pelotas. RS.



Figura 2: "Ponte do moinho – Rua Gomes Carneiro com Mal. Deodoro". Pelotas. RS.
Fonte: MAGALHÃES N, 1989.

A fábrica de massas, por sua vez, teria sido montada com o intuito diversificar o negócio. Como bem se percebe na descrição de Cunha (1911):

Em compartimento térreo junto ao moinho está localizada a fábrica de massas montada de forma a poder empregar diariamente 40 sacos de farinha de 45 kilos, possui para esse trabalho seis prensas e três cilindros amassadores, tocados a vapor confeccionava sessenta tipos diversos de massas de diferentes formatos [...] (CUNHA, 1911, s.p.)

Com a morte de Paulino Leite, em 1902, a empresa passou para a mão de herdeiros, que, optaram pela venda. Desta forma, o Moinho Pelotense foi comprado pela concorrência, de acordo com o relato de Cunha: “[...] Albino Cunha fez a aquisição do importante estabelecimento, cujos produtos em alta cotação de preço, obtinham marcada preferência” (CUNHA, 1911, s.p.). A empresa então foi reduzida a simples sucursal do Moinho Rio Grandense. A transcrição abaixo constitui o relato de Alberto Coelho da Cunha sobre a venda da empresa e sua situação em 1911:

Passado em 1903 ao novo proprietário, conservou por alguns anos a portas fechadas. Servindo de simples depósito dos produtos do Moinho Rio Grandense. Nestes últimos anos, por períodos intermitente ele entra em atividade, como um auxiliar do trabalho daquele estabelecimento cometido.

Em 1911 trabalhou com trigo argentino e algum nacional, produziu cinco milhões e quatrocentos mil kilos de farinha. Esta sob a direção de um gerente que comanda um empregado de escritório, um capataz, um moleiro, um maquinista, um foguista e 25 operários e duas operarias. (CUNHA, 1911, s.p.)

Durante este período (1902-1922), os dois moinhos, Moinho Pelotense e Moinho Rio Grandense, formaram a maior empresa de moenda de trigo do estado do Rio Grande do Sul.

Sobre a edificação podemos afirmar que o moinho foi instalado em uma área não urbanizada, em 1886. No período de estudo, o quarteirão em que estava instalado o moinho ainda não tinha sido efetivamente delimitado por todas as ruas, a construção tinha como referência o prolongamento das atuais ruas Mal. Deodoro e Gomes Carneiro. (Fig. 3)

A construção foi feita afastada dos limites do terreno, exceto a fachada principal (voltada para leste), que foi alinhada pelo Arroio Santa Bárbara, e afastada deste por um recuo frontal não superior a vinte metros.

A forma do conjunto era uma simples sequência de quatro pavilhões retangulares em planta baixa, sendo um dos blocos de um pavimento, um de dois pavimentos e dois blocos com três pavimentos, estes interconectados e com três acessos através da fachada frontal. (Fig. 3)

A arquitetura destas edificações está vinculada diretamente à função produtiva desenvolvida no seu interior, o que pode ser comprovado pela forma e o funcionamento das esquadrias. Apesar de serem compostas de forma simétrica, elas apresentam diferentes sistemas de funcionamento, proporções e tamanhos, pois era necessário acessar o estabelecimento com carroças ou através de trilhos para retirar a farinha ou a massa vendida ao comércio local, elevar o trigo até o pavimento superior ou descer o farelo, para o que existia a porta de suspender. A forma das esquadrias segue uma orientação com relação à função de acesso ou transporte da produção na edificação.

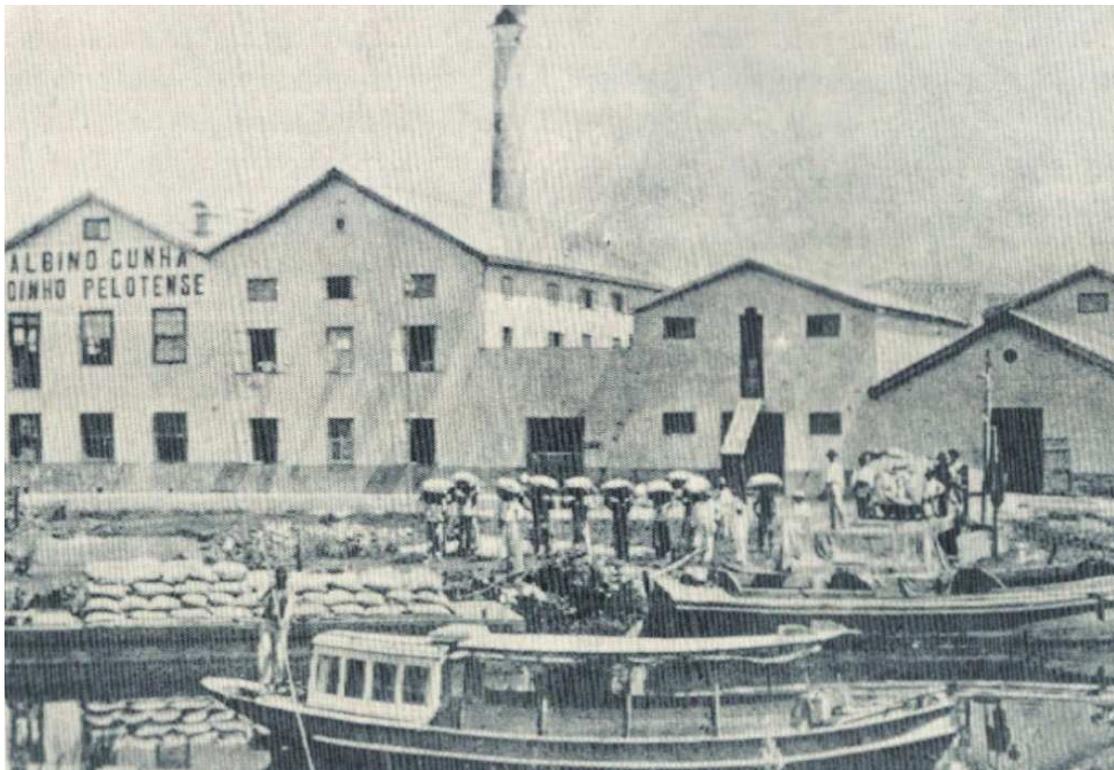


Figura 3: “Moinho Pelotense, 1922”. Pelotas. RS.
Fonte: PESAVENTO, 1985.

Essencialmente, é uma linguagem arquitetônica de caráter funcional, em que os elementos mais significativos são a simetria, a regularidade e a repetição, sendo também notável o padrão de empenas, sempre repetindo um óculo ou uma esquadria no eixo da empena.

Os vários pavilhões do moinho eram construídos com sistema construtivo tradicional, isto é, alvenarias de tijolos cerâmicos revestidos de argamassa, telhado em formato de duas águas, provavelmente estruturados em tesouras de madeira. Esta cobertura avançava sobre as paredes formando um beiral, sem utilizar qualquer sistema de condução das águas do telhado.

Nota-se na base da edificação uma faixa, provavelmente uma pintura a óleo para proteger as paredes da umidade do respingo da água da chuva, enquanto o restante das paredes seriam caiadas.

4. CONCLUSÕES

O Moinho Pelotense teve importância histórica, entre 1911 e 1922, pela sua importância econômica, contribuindo para que Pelotas persistisse como pólo econômico do estado. O conjunto de fábricas localizado no Porto e junto ao arroio Santa Bárbara compõe uma zona fabril, vinculada diretamente à facilidade dos transportes portuários, ferroviários e também urbanos. A arquitetura desta fábrica constitui-se como significativa por suas características formais. O bairro apresenta grande importância memorial, sendo portador de valores culturais que devem ser reconhecidos e socializados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Os métodos da história**. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CUNHA, Alberto Coelho da. **Notícia Descritiva das Fábricas de Pelotas**. Pelotas: 1911. (Documento Manuscrito)

MAGALHÃES, Nelson Nobre. **Pelotas Memória**. Pelotas: Ed. Litoarte. [Fascículo 2] 1989.

OSÓRIO, Fernando. **A cidade de Pelotas**. 3. ed. Pelotas: Armazém Literário, 1998, Vol. 2.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História da Indústria Sul-Rio-Grandense**. Guaíba: Riocell, 1985.